

A Mundialização do Capital e seus Impactos no Mundo do Trabalho: Desafios para a Luta Sindical



Filme *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin

A Mundialização do Capital e seus Impactos no Mundo do Trabalho: Desafios para a Luta Sindical



Profª Alba Maria Pinho de Carvalho

Doutora em Sociologia pela UFC

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Maranhão (1973), mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1999). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Ceará, atuando principalmente nos seguintes temas: mundialização do capital em tempos de ajuste; transformações na América Latina; Brasil contemporâneo; Estado e políticas sociais; democracia; políticas de assistência social; epistemologia e metodologia das Ciências Sociais.

Fotos: Drawlio Joca



Ilustração da Capa:
Cena do Filme
Tempos Modernos (1936),
de Charles Chaplin

ÍNDICE

Apresentação	05
Introdução	07
1. O Desafio de desvendar o capitalismo em tempos contemporâneos	08
2. A Nova Era: a mundialização do capital	12
3. Motes das questões debatidas	16
4. Referências bibliográficas	25

APRESENTAÇÃO

Esta revista é mais do que uma publicação da **Série Debates sobre Conjuntura**. Ela – sendo fruto de um rico diálogo político ocorrido em duas noites – consegue atacar questões conjunturais e elementos estruturais relativos ao capitalismo contemporâneo. A professora Alba Maria Pinho de Carvalho, com vigor de intelectual militante, resgata a imprescindibilidade do conhecimento teórico para uma prática emancipatória e, a partir de um olhar sobre o real mundo do trabalho, instiga à busca de novas ações sindicais a darem conta do tamanho do desafio imposto pela dominação do capital na contemporaneidade.

Com argumentação rica e atualizada, a professora Alba Pinho nos convida ao aprofundamento da leitura da conjuntura e o faz fundamentando-se no marxismo como elemento básico para compreensão deste momento histórico. Não aceita dogmatismos nem leituras dominadas por um roteiro simplificado tendo o condicionante econômico como exclusividade ou visto

como absolutismo irretocável. O convite para a reflexão é generosamente rico e desafiador como condição para uma nova práxis.

Ao final da leitura temos um sentimento de incompletude, de vontade de se discutir mais sobre o tema. Há certamente pontos controversos na leitura e nas pistas para a ação sindical – o que certamente só enobrece a rica reflexão. E é o que se pretende mesmo com mais esta publicação.

A elaboração deste texto se deu a partir da transcrição do debate gravado em DVDs (o qual está à disposição do público), sendo que a adaptação do texto oral para o escrito foi realizada pela assessora da Secretaria de Formação deste Sindicato, mestra Victória Régia Arrais de Paiva, a quem agradecemos de modo especial.

A professora Alba empolgou os presentes no diálogo presencial. Esperamos ter sido capazes de retratar no texto a seguir a riqueza daquele momento. Boa leitura!

Marcos Aurélio Saraiva
Holanda
Presidente do SEEB/CE

José Leirton Maia Leite
Secretário de Formação
do SEEB/CE

INTRODUÇÃO

Essa é uma temática desafiante, pois nos coloca frente a frente com o Capitalismo da contemporaneidade, o qual é como o enigma da Esfinge: “decifra-me ou te devoro”. Essa comparação não seria tão acurada em relação aos movimentos sociais, especificamente o movimento sindical e o capitalismo. Então, o que queremos dizer é que ou entendemos como o capitalismo funciona e as formas de domínio que estão em curso ou não conseguiremos avançar na nossa luta, que inevitavelmente pode se perder nessas artimanhas frente a esse momento do capitalismo.

Objetivando uma abordagem mais simples de se compreender frente a um tema tão complexo, o trabalho será desenvolvido em dois tópicos, sendo que em cada um procurarei discorrer de maneira prática e rápida sem, no entanto, perder o enfoque que caracteriza o tema e procurando interligar os fatores que serão abordados.

A meu ver, há três eixos para serem trabalhados: um é

entender esse momento da **mundialização do capital**; o segundo será analisar quais são os impactos disso no mundo do trabalho, sendo esse mundo chamado de **Novo e Precário Mundo do Trabalho** por Giovanni Alves. Por último, quais são as reações desse conjunto de fatores no movimento sindical, os quais exerceram influência suficiente para se chegar ao ponto de se falar numa **Crise no Sindicalismo**. Portanto, em cada tópico esses eixos estarão interligados.

1. O DESAFIO DE DESVENDAR O CAPITALISMO EM TEMPOS CONTEMPORÂNEOS

*“... o capital é mesmo a contradição em processo”
Grundrisse, 1857-1858 (Karl Marx).*

Eis um enigma: desvendar o capitalismo que estamos a vivenciar. Cada vez mais temos a certeza de que estamos vivendo um novo tempo do capitalismo. Se pegarmos a configuração deste sistema até a década de 1970, encontraremos configurações distintas em relação ao capitalismo atual, o qual vem sendo construído desde aproximadamente o fim da década de 1980. Esses últimos 25 anos têm sido marcados por uma nova configuração.

Devemos entender essa configuração como novas formas de domínio, pois o capitalismo se apropriou da chamada “Revolução Técnico-Científica” ou simplesmente “Tecnológica”. Por meio dela, ele fez mudanças na sua forma de funcionamento e de regulação.

Não podemos entender o capitalismo somente como um modelo econômico, mas sim como um modelo “civilizador”. Simplificando: o capitalismo é inicialmente um modelo econômico, mas com uma influência fortíssima na política, na organização social, na cultura e nas formas de sentir e pensar. Se analisarmos o momento atual dessa civilização levando em conta somente o aspecto econômico, teremos um olhar muito incompleto. A própria marca que hoje nós temos, a partir dessa revolução tecnológica, é bem caracterizada pela produtividade intensiva. Hoje se produz loucamente para se consumir mais loucamente ainda. Então, são produzidas várias mercadorias descartáveis e que duram pouco tempo, gerando assim mais demanda para a produção. Sendo assim, a lógica para essa civilização é marcada pelas mercadorias descartáveis, pela descartabilidade dos trabalhadores, das pessoas, dos sentimentos e dos afetos. Aquilo que é padrão da produção se tornou também um padrão civilizador. Por isso, o capitalismo não será completamente entendido se ficarmos restritos ao plano da economia, pois podemos dizermos que o capital define uma forma de organizar a vida. Ora, é da lógica do capital a dissociação: dissociação entre os trabalhadores e os meios de produção; entre trabalhadores e os produtos do seu trabalho e, atualmente, separar os trabalhadores entre si. Da mesma forma que a descartabilidade, essa dissociação cada vez mais se instala em nossa civilização. Hoje, há várias dissociações: de gênero, de etnia, entre outras.

É impossível entender o capitalismo contemporâneo sem ler Marx. Temos clareza que o pensamento dele ainda é fecundo e vivo porque ninguém melhor do que ele adentrou na lógica da produção do valor, que é a lógica que sustenta essa sociedade do

capital. Em Marx pretendo buscar algumas pistas valiosas na busca dessa compreensão do capital.

Existem alguns manuscritos que foram elaborados por Marx por volta de 1857/1858 e que são conhecidos como “Grundrisses”. Infelizmente, esses manuscritos ainda não foram transcritos para o português. Há uma versão em alemão, inglês, francês e finalmente em espanhol. Inclusive dentro da Universidade Federal do Ceará, no Departamento de Ciências Sociais há um grupo chamado LEMARX ou **Laboratório de Estudos sobre Marx**. A pretensão desse grupo de pesquisa é tentar pensar o capitalismo contemporâneo à luz de Marx. Tomamos como grande referência os Grundrisses, o Capital entre outros. Entretanto, são os Grundrisses que utilizamos para abrir caminhos, pois não podemos pensar sobre Marx do mesmo jeito depois que lemos os Grundrisses. Reflitamos sobre a nota de abertura deste tópico: “... o capital é mesmo a contradição em processo”. Esta contradição a que faz referência a nota está muito clara na atualidade. Sabemos que somente o trabalho é capaz de produzir valor e o que percebemos hoje é que esse capital, que põe o trabalho como medida, cada vez mais diminui o trabalho vivo necessário na produção do valor, que são as riquezas e as mercadorias. Isso é uma contradição, pois ele mesmo vai corroendo as próprias bases de valorização. Por isso, nesse sentido, o capital é uma contradição permanente e em processo.

Podemos apontar como o grande drama que os trabalhadores modernos enfrentam, chegando a marcar o mundo do trabalho, o descarte de um montante enorme de trabalhadores e a substituição destes por máquinas. A essa tendência do capital de reduzir ao mínimo o tempo de trabalho, substituindo-o pela

máquina chamamos de **contradição central**. Isso caiu como uma bomba sobre o movimento sindical, pois no momento em que você tem grandes contingentes de desempregados e que o desemprego é o grande espectro que ronda o nosso mundo, (o qual também é o irmão siamês da precarização), enfim, esses fatos, de certa forma, tiraram a base do movimento sindical, pois como ele estaria apto para lidar com esse movimento todo que descarta trabalhadores? E mais: esse fenômeno não atinge somente aqueles trabalhadores com um grau de instrução menor, mas sim a todos, indistintamente. Então, esses trabalhadores supérfluos estão no fio da navalha. Entenda essa expressão “fio da navalha” como um equilíbrio muito tênue, pois o trabalhador não tem um lugar social no mundo do trabalho, mas é incluído dentro de outras formas, aquelas as quais os analistas se referem como precárias.

Agora, vejamos como a lógica do consumismo, um dos preceitos chave do capitalismo, ainda se mantém intacto. Então, eu sou um trabalhador que não tem acesso ao mundo do trabalho, não tenho como ter um emprego com os direitos garantidos, mas mesmo assim sou provocado a consumir. Nessa sociedade do descartável e onde em tudo há uma insegurança (no emprego, no ambiente, no campo das relações etc), as pessoas acreditam que o consumo é a grande saída. Sendo assim, o consumo passa a ser objetivo de vida, expressão de melhoria das condições de viver, consolo, enfim, tudo. Passamos a viver em função do consumo.

Uma outra característica interessante dessa nova sociedade do capital é, de certa forma, a falta de limites. Este estigma é bem visível no caso daquela empregada doméstica que foi espancada no ponto de ônibus, quando voltava do trabalho. Então aqueles

jovens de classe média alta, que moravam em condomínios fechados, simplesmente se acharam no direito de fazer o que fizeram. Uma brutalidade, porque para eles não havia sido colocada nenhuma barreira, nenhum limite. Então, se deu vontade, por que não fazer? Recentemente, li uma análise desse caso e percebi que eles são fiéis discípulos do mundo sem limites, pois eles foram “educados” para consumir. Você pode pagar, então você pode fazer tudo porque tudo é possível para quem pode pagar.

2) A NOVA ERA: A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL

*“Trata-se do homem de ferro contra o homem de carne e osso. A subsunção de seu trabalho ao capital – a absorção de seu trabalho pelo capital – que está no cerne da produção capitalista, surge aqui como um fator tecnológico”
Grundrisses, 1857-1858 (Karl Marx).*

Uma outra pista que Marx nos dá é a seguinte: “... o movimento do capital é insaciável”. (O Capital, 1876, Karl Marx). Vemos no cotidiano que o capital não pára frente a nada. Nesse momento de crise e desvalorização, o capital usa todos os recursos para continuar a se expandir. E os reflexos são múltiplos: os trabalhadores se tornam supérfluos, a natureza vai sendo destruída e todo esse movimento é mantido como algo sem limite. Diante desse quadro se criou a Globalização, um nome muito

ideológico que o capitalismo encontrou para todo esse movimento e que se transformou em um mito.

Se refletirmos um pouco sobre o assunto, perceberemos que globalmente não há globalização, mas sim uma ***mundialização do capital***. Alguém pode argumentar que o capital sempre foi internacional, mas hoje, a partir da Revolução Tecnológica, o capital passou a ter um novo modo de ser internacional. Com esse novo modo, ele passou a ser desterritorializado, deslocalizado. Ele passa a caminhar nos circuitos virtuais, enfim, passa a ser dotado de uma extraordinária mobilidade e ninguém mais consegue barrá-lo. Os mecanismos existentes em nossa nação são absolutamente incapazes para controlar esse tipo de capital. Sendo assim, a civilização do capital tem passado por profundas mudanças. Junto com elas veio uma redefinição e aprofundamento das formas de dominação social atreladas a uma maior vulnerabilidade do trabalho. É justamente esta vulnerabilidade que levou à chamada “crise no sindicalismo”.

A partir desse cenário de expansão do capital cheio de contradições surgem novas formas de se organizar a resistência, onde se figura entre essas resistências a chamada “cultura da recusa”. E o que seria essa cultura da recusa? Seria justamente uma nova forma de viver, de trabalhar, de pensar, de sentir e de agir. Essas novas formas seriam moldadas de modo a serem “contra” os parâmetros do capital que estão postos.

A forma que o capital hoje domina é diferente daquela de 40, 50 anos atrás. Pensemos na produção, por exemplo: há 40 anos atrás, na década de 1960, no começo da industrialização. Você, como trabalhador, conhecia quem era o seu patrão, sabia

quem era porque ele estava lá; havia luta, indignação, enfim. Mas e nos dias atuais? Hoje eu não sei mais quem é o meu patrão porque as coisas funcionam em rede. Sabemos que o capitalismo funciona hoje terceirizando, as empresas hoje formam uma grande rede. Por isso, dizemos que temos novas expressões de dominação social. E como se dá o domínio do capital hoje?

Atualmente, sabemos que essas novas formas de dominação social são cada vez mais abstratas, impessoais e perversamente sutis. Podemos figurá-la na expressão de uma força que faz com que todas as pessoas envolvidas, sejam capitalistas ou trabalhadores, se adequem ao padrão por ela imposto. Logicamente, a forma com que essa força abate cada um deles é completamente diferente. Essas formas de dominação vão tomando corações e mentes das pessoas, especialmente dos trabalhadores. Então, começam a ser criados vários mitos.

Nunca havíamos vivido uma época mais ideológica do que esta em que estamos agora. Mesmo assim podemos ouvir algumas vezes as pessoas dizerem que não há mais ideologia. A partir daí, esse discurso começa a ficar perigoso, porque vivemos e depois estamos dizendo que não vivemos. Acredito que esse seja um dos grandes dilemas dos movimentos sociais e do sindicalismo, porque precisamos afinar nossos instrumentais analíticos para percebermos o que está acontecendo e dar algumas respostas aos questionamentos, ou pelo menos, apontar algumas pistas.

Algo que está em curso, por exemplo, é a fragmentação e simplificação do trabalho. Apesar da ideologia da qualificação profissional, o trabalho é cada vez mais simples e fragmentado. No trabalho do bancário, onde está o saber dele? Na hora em que

o sistema pára de funcionar, por algum motivo qualquer, pára tudo. As pessoas ficam perguntando e nessas circunstâncias você responde “... *ah, só quando o sistema voltar...*”. O saber não está mais no bancário, está na máquina. Giovanni Alves nos diz que “... *uma das características estruturais da mundialização do capital é a nova ofensiva dele na produção*”. Podemos ter como alguns indicadores:

- 1 – Desemprego estrutural e precariedade como estigma do mundo do trabalho;
- 2 – Precariedade e insegurança penetram o núcleo “integrado” da classe dos trabalhadores assalariados, atingindo os que ainda mantêm vínculo formal de emprego;
- 3 – Fragmentação da classe trabalhadora.

Giovanni Alves também nos revela que: “*desenvolve-se em maior amplitude, portanto, um mundo do trabalho no Brasil mais diversificado, mais segmentado, mais polarizado e que tende a tornar ainda mais difícil a própria constituição da solidariedade de classe*”. Então essa consciência de classe, de você se sentir trabalhador e de sentir-se participando dessa classe, tudo isso está esfacelado, criando assim um grande dilema no sindicalismo.

Surge então uma debilitação político-ideológica da classe trabalhadora que se deixa dominar pela lógica do capital. As pessoas hoje estão querendo manter o emprego delas, sentindo-se privilegiadas por serem exploradas. É essa apropriação da

subjetividade do trabalhador pelo capital que está na base da crise do sindicalismo. É notório que essa crise do sindicalismo tem seus determinantes na própria situação de crise do mundo do trabalho, na sua precarização. A debilidade da perspectiva de classe dos trabalhadores, aprisionados na lógica do capital, revela a complexidade desta crise e os desafios postos hoje para o movimento sindical.

Giovanni vai ainda mais além: *“se por um lado, observamos o surgimento de estratégias sindicais neocorporativas de matriz propositiva; por outro, constatamos as sérias dificuldades do sindicalismo em preservar o horizonte da classe diante da nova etapa de acumulação capitalista flexível em levantar obstáculos consistentes à sanha do capital na produção... É assim, uma incapacidade relativa de se erguer uma contra-hegemonia à lógica do capital. Eis, portanto, as principais características da crise do sindicalismo no Brasil, que tende a assumir amplas proporções”*.

MOTES DAS QUESTÕES DEBATIDAS

- 1) É perceptível nos últimos tempos a expressiva falta de crítica por parte de setores importantes da sociedade, em especial aqueles ligados às bases dos movimentos sociais organizados.**

Quero primeiramente dizer que não terei respostas para todas as perguntas, mas sim a minha opinião pessoal, a qual

será fundamentada em fatos, quando for necessário. Quero também dizer que nessas opiniões tentarei exercitar ao máximo a **cultura da recusa**, que agora tem que estar na pauta desse bloco de questionamentos.

Com relação a essa pergunta, um ponto que me chama muita atenção é que estamos vivendo um momento de anestesia da crítica. Vivemos em uma sociedade de mudanças tão rápidas e onde os referenciais se redefinem a cada momento. Nessa sociedade tudo parece ganhar sentido através da mídia. E ela cria novidades e tem muita força. Enfim, o espaço da crítica é sempre preenchido pelas novidades. Hoje é o Renan Calheiros, amanhã será fulano, a cada momento um personagem diferente e depois se esquece. Vi um analista que disse que o Renan está apostando justamente nesse esquecimento. Entretanto, é fundamental, em termos de luta, que certos fatos sejam guardados na memória. Essa anestesia da crítica deve ser urgentemente combatida, através de fóruns, espaços para que nós reflitamos sobre assuntos de interesse comum. Do jeito que está parece que as pessoas são um grupo de malucos: passam o dia no trabalho e quando chegam à noite, em casa, assistem àquelas notícias e no imaginário delas fica um pensamento martelando – “que coisa estranha, gente estranha... não preciso entender isso, para quê? Vou mesmo é assistir ao Big Brother, aos jogos Pan Americanos...”. Precisamos revitalizar e resgatar a tradição da crítica, a qual está em falta em todos os espaços: no movimento sindical, nos partidos políticos etc.

Uma tarefa do movimento sindical é suprir essa necessidade nos trabalhadores. Se o sindicato servir somente para a campanha salarial, então nele eu não encontrarei o meu espaço. O sindicato tem que procurar oferecer formação, oportunidades para se pensar nesse novo mundo do trabalho e pensar alternativas visando a uma mudança gradual dessa sociedade. Nesse resgate da crítica, precisamos nos munir de instrumentos analíticos para entender esse novo mundo, pois os instrumentos que nós temos já não servem mais porque eles estão em total falta de sintonia com a contemporaneidade. Alguém poderia citar a **greve**, pois antigamente uma greve dos bancários parava esse País. Hoje uma greve não pára, digamos assim, como parava antes. Então, nesse sentido, novos instrumentos analíticos se fazem necessários para que possamos fazer frente ao poder do capital, criticando, debatendo, lutando e construindo novos horizontes por meio desses instrumentos.

- 2) Durante sua explicação me chamou muita atenção essa questão do esfacelamento da consciência de classe frente ao poder do Capital. Gostaria que o tema fosse aprofundado, sobretudo nas formas utilizadas pelo poder do Capital frente ao movimento sindical.**

No meio dessa crise no mundo do trabalho, o que fica mais característico é justamente essa quebra da consciência de classe. A grande dificuldade do movimento sindical é jus-

tamente a fragmentação da classe, pois o movimento sindical não está mais conseguindo resgatar essa consciência de classe. O capital investiu pesado em quebrar essa consciência: “cuide da sua vida; faça a sua carreira...”. Esses valores do individualismo figuram entre as idéias centrais da ideologia neoliberal. Esse conceito de fragmentação faz parte da civilização do capital hoje. Toda essa força sócio-metabólica (como diz o Meszáro) não conseguiria se consolidar se você não tivesse a força da ideologia. Como essa força chega hoje? Ela chega pelo marketing, pela propaganda, enfim, essa força possui mil formas de chegar às pessoas. Com isso, você acaba sendo bombardeado o tempo inteiro com as promessas do consumo que prometem felicidade, alegria, conforto, segurança, certeza e por aí vai. São por esses meios que o capitalismo vai tomando corações e mentes dos trabalhadores. A nossa subjetividade está prisioneira. Vivemos em um mundo absolutamente ideológico. Se não fosse essa ideologia você não conseguiria manter todo o poder do capital.

3) Ficaram claras muitas evidências da existência de uma crise no movimento sindical diante da inabilidade dos sindicatos em se adequarem à nova era do capitalismo. Sendo assim, a senhora poderia apontar algumas pistas de para onde o sindicalismo no Brasil poderia se direcionar?

O capitalismo sabe muito bem manipular sutilmente os desejos das pessoas. Quando nós chegamos à luta sindical

não sabemos trabalhar os desejos das pessoas. Por isso, devemos chegar mais próximo das pessoas trabalhando nas bases. Não adianta ficarmos nesse discurso para nós mesmos e o mundo continuar do jeito que está. Quando chega a época da campanha salarial esse distanciamento das bases fica bem melhor caracterizado, pois nós somos ilustres desconhecidos. Se duvidar, os trabalhadores têm medo de nós porque no imaginário que foi criado o sindicato serve somente para complicar e, no fim das contas, ele pode acabar perdendo o emprego. O espectro do desemprego não somente tem uma força objetiva, mas também tem uma força simbólica no nosso imaginário. Se você fizer uma pesquisa hoje para saber do que as pessoas têm mais medo é quase certeza que o resultado dela aponte o medo de perder o emprego, de sobrar, de tornar-se excluído.

Vamos para um exemplo prático de como isso ocorre: conheço um caso de uma comerciária de mais de 40 anos que perdeu o emprego. Por causa da idade ela não conseguia entrar mais. Como ela existia milhares por aí. Por ser uma boa vendedora, ela conseguiu arrumar um bico daqueles de final de ano em uma loja num shopping. Por ela ter mostrado bons serviços a loja a contratou. O expediente dela no shopping era de 14 às 22 horas. Para se manter havia uma cota de vendas que deveria ser atingida. Vejam o que ela fazia: chegava às 8 horas da manhã, por “vontade própria e livre decisão” e ficava até as 10 da noite para ter uma cota maior de vendas. No imaginário dela, para se manter no emprego, que foi tão

suado para conseguir, ela aumentou o tempo de trabalho para ter um maior número de vendas e quando chegasse o final do mês ela fosse vista como uma peça indispensável para a loja. Então é assim que a coisa funciona. Aí chega o sindicato vindo falar de greve. Greve??? Essa mulher deve ter horror a essa palavra. Luta de categoria??? Que nada, ela quer mesmo é manter o emprego dela, pois precisa sobreviver.

Acredito que o sindicato deve achar novas formas de defender os trabalhadores da exploração. Para isso, devemos descobrir como é que faremos o sindicato para aquelas pessoas que são exploradas e excluídas. ***Não podemos mais fazer sindicato só para os que ficaram, mas para os que saíram e para aqueles que não vão mais voltar ao mundo do trabalho.*** Parece uma loucura, sindicato para os desempregados, para os aposentados? Então são grandes desafios para o sindicalismo no Brasil, pois vivemos em um mundo onde o grande problema é a população supérflua, o trabalhador supérfluo, aquele que não vai entrar no mundo do trabalho. Mas se o capital hoje é mundializado, então por que não tentamos mundializar as resistências? Precisamos nos articular em unidade para que consigamos chegar a forças mais globais de resistência. Por isso eventos como esse, onde o Sindicato dos Bancários tomou a iniciativa para promover esses debates, são de fundamental importância para a coesão de classe, não somente a bancária, mas sim a classe trabalhadora em geral, fazendo aquilo que é básico, a discussão das idéias visando melhor formar e informar o trabalhador.

4) O campo sempre foi um assunto muito discutido tanto na esfera política quanto na econômica. Gostaria que a senhora comentasse sobre a questão agrária no Brasil, levando em consideração a nova era do capital.

Atualmente, o MST está repensando novas propostas para a reforma agrária. Não é simplesmente ocupar a terra e ficar com ela. A reforma agrária deve promover justiça social e garantir soberania popular. A forma como o campo está sendo ocupado pelo capital é devastadora. Esse acordo do etanol é algo tão sério que pouca gente se deu conta do que ele significa em termos de mudança na face do campo. Essa política do etanol e dos biocombustíveis afasta o presidente Lula da política de integração autônoma perante o Império. Então ele entra em um acordo com os Estados Unidos no sentido de transformar, como disse bem o Evo Morales, alimento em combustível e satisfazer uma exigência do mercado americano. Precisamos repensar atitudes como essa em termos de soberania nacional, pois ainda não foi possível prever quais são os impactos sócio-ambientais.

5) Diante de idéias tão provocantes à reflexão, gostaria que a senhora comentasse sobre os limites e desafios do governo Lula.

Vou direcionar minha crítica ao governo Lula em um aspecto que

foi posto em cheque por vários adversários dele durante as eleições 2006: o Programa Bolsa-Família. É evidente que o Bolsa-Família é importante no sentido de garantir que as pessoas comam e aumentem a renda delas. Quem passa ou já passou fome sabe que é importante comer. Portanto, longe de mim denegar essa importância. Mas, vamos analisar certos aspectos: vejamos no aspecto do imaginário. O programa é destinado às mulheres e tem aquele cartão magnético. Vivemos em uma sociedade do virtual. O dinheiro mesmo não é a moeda, mas o cartão. Serei gente se tiver um cartão Visa, Mastercard etc e a cor dos cartões, que serve de diferencial dos usuários, enfim, quanto mais status tem o meu cartão, mais eu sou gente. Se não tenho o cartão, eu não sou ninguém. Mas agora eu tenho um cartão do Bolsa-Família. Reflita esse fato em termos de auto-estima, pois isso tudo existe. Entretanto, em que o Bolsa-Família vai diminuir as desigualdades sociais no Brasil? Ou então melhorar a consciência de classe entre os trabalhadores e na própria família do trabalhador? Novamente, quero dizer que não sou contra essa assistência, pelo contrário, eu apóio. Mas ***sou contra essa lógica de que você recebe o benefício porque é carente. Não, você o recebe porque é um direito*** seu e você pode reclamar de cabeça erguida. No tocante a política macroeconômica, poderíamos nos perguntar se realmente tinha que ser esta. Será que estamos acreditando na fábula do pensamento único, de que não existe outro caminho? Essa é uma fábula que o capitalismo nos ensinou. Precisamos pensar esse tipo de coisa, pois se vemos em termos de América Latina, o

presidente peronista da Argentina, o Kirchner, ameaçou muito mais o Império do que o Lula. A minha crítica ao governo Lula, sobretudo nesse momento, necessariamente tem que passar pelo tipo de domínio, que segundo Francisco de Oliveira, é uma “hegemonia às avessas”. Ela é como um *apartheid*, pois conseguimos fazer uma revolução moral: elegemos uma pessoa às custas de muita luta e a pessoa do Lula é muito emblemática, pois achávamos que quando ele fosse eleito nós seríamos felizes para sempre. Mas a política macroeconômica atual é extremamente excludente e voltada para o capital financeiro. Na política agrícola do governo Lula, segundo Plínio de Arruda Sampaio, o agronegócio é privilegiado, em detrimento da agricultura familiar. É evidente que essa política agrícola também serve aos movimentos sociais, turbinando o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), mas façamos um balanço entre os recursos que são disponibilizados para o PRONAF e aqueles disponibilizados para o agronegócio. Para se fazer uma crítica acurada devemos pensar global com o enfoque pontual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. *O Novo (e precário) Mundo do Trabalho: Reestruturação Produtiva e Crise do Sindicalismo*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2000.

AMIN, Samir e HOUTART, François (orgs.). *Mundialização das Resistências – O estado das lutas 2003*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

MARX, Karl. *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Borrador). 1857-1858*. Volumen 1. 4ª Ed. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores S/A, 1973.

MESZÁROS, István. *Para Além do Capital*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2002.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e Estrutura de o Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto.

**SINDICATO DOS EMPREGADOS EM
ESTABELECIMENTOS
BANCÁRIOS NO ESTADO DO CEARÁ**

DIRETORIA EXECUTIVA

**Marcos Aurélio Saraiva
Holanda**
Presidente

Ricardo Barbosa de Paula
Secretário Geral

**Antônio Robério Ximenes
Carmo**
Secretário de Ação Sindical

**Carlos Eduardo Bezerra
Marques**
Secretário de Finanças

**Tomaz de Aquino
e Silva Filho**
Secretário de Imprensa

**Marcus Rogério Rôla
Albuquerque**
Secretário de Suporte
Administrativo

José Leirton Maia Leite
Secretário de Formação Sindical

**Luiz Roberto Vieira Félix
(Bebeto)**
Secretário de Organização

Maria Joice Ferreira de Castro
Secretária de Estudos Sócio-
Econômicos

Telmo José Nunes de Sousa
Secretário de Recursos Humanos

Paulo César de Oliveira
Secretário de Assuntos Jurídicos
Individuais

**Francisco Henrique
Pinheiro Ellery**
Secretário de Assuntos Jurídicos
Coletivos

José Eugênio da Silva
Secretário de Saúde e Condições
de Trabalho

Gabriel Motta F. Rochinha
Secretário de Relações Sindicais
e Sociais

**José Ribamar do Nascimento
Pacheco**
Secretário de Esporte e Lazer

Erotildes Edgar Teixeira
Secretário de Cultura

**José Océlio da Silveira
Vasconcelos**
Secretário de Aposentados

João Bosco Cavalcante Mota
Secretário de Assuntos das Sub-
sedes Regionais

Sindicato dos Bancários do Ceará
Rua 24 de Maio, 1289 – Centro – 60.020-001 – Fortaleza – Ceará
Telefone: (85) 3252 4266 – www.bancariosce.org.br
E-mail: bancariosce@bancariosce.org.br

Secretaria de Imprensa
Telefone: (85) 3231 4500
E-mail: imprensa@bancariosce.org.br

Secretaria de Formação:
Telefone: (85) 3252 4266 – Ramais: 215 e 230
E-mail: formacao@bancariosce.org.br



**Marcos Aurélio
Saraiva Holanda**
Presidente



**José Leirton
Maia Leite**
Secretário
de Formação



**Vicente Flávio
Belém Pinho**
Assessor Político do
Sindicato dos Bancários



**Victória Régia
Arrais de Paiva**
Assessora da
Secretaria de
Formação



**Francisco
Erismar
de Carvalho**
Funcionário da
Secretaria
de Formação



**Normando
Gomes
Ribeiro**
Capa,
diagramação
e arte-final

Impressão: Gráfica Encaixe: (85) 3252 2431

Tiragem: 3.000 exemplares

1ª Edição: Maio de 2008

